

# “O Pacto Ecológico Europeu está de facto bem e recomenda-se”, declara Humberto Rosa

14 de Abril, 2021

“Um ano e uma pandemia depois, como está o Pacto Ecológico Europeu?”. Este foi o ponto de partida para a **Abreu Advogados** ter convidado a Comissão Europeia para fazer um ponto de situação sobre as iniciativas em curso e em preparação e conhecer eventuais mudanças e oportunidades, bem como os resultados entretanto produzidos.

“O Pacto Ecológico Europeu está de facto bem e recomenda-se”, começou por dizer **Humberto Rosa**, diretor para o Capital Natural na Direção Geral Ambiente da Comissão Europeia, destacando que o “*pipeline* daquilo tem sido produzido mostra isso mesmo”. É verdade que a Covid-19 foi algo “inesperado” e com um “impacto brutal” em todo o mundo, mas o também antigo secretário do Estado de Ambiente constata que a pandemia foi sentida ou apreendida como “mais uma fatura” que a degradação do ambiente envia: “Já conhecemos os extremos climáticos, o plástico nos oceanos, a perda de polinizadores ou os fogos florestais”. Atualmente, com esta pandemia de provável etiologia em “animais selvagens” leva o responsável a constatar que “a natureza degrada os habitats desses animais, reduz as suas populações e mais tarde ou mais cedo contactam com os seres humanos ou outros organismos que consumimos”. Por isso, este foi um “fundamento grande” para que “certas componentes do *Green Deal*”, incluindo a “biodiversidade” continuasse no *pipeline*. Depois, a “paragem” originada pelo confinamento serviu, segundo Humberto Rosa, de reflexão para aquele que era o “frenesim” e o “azafama” do dia-a-dia: “Podíamos ter as coisas de uma forma mais sustentável”.

Mesmo com “alguns atrasos” os vários elementos do *Green Deal* continuaram a sair com a mesma ambição: “Desde logo, a ambição climática que não esmoreceu: está em cima da mesa a redução de 55% dos gases com efeito de estufa até 2030”. Depois, o Pacto Climático, a Lei do Clima (Europa neutra até 2050) ou a nova estratégia de adaptação às alterações climáticas já aprovada, são provas claras de que estas questões não ficaram para trás. E aquela que é a maior ambição climática – redução das emissões – vai exigir a que se tenha mais em conta os “sumidouros de carbono” baseados no território: “Tudo aquilo que é o papel que os ecossistemas, florestas e zonas húmidas fazem como absorvedores de CO2 vai ter uma importância acrescida”, reforça.

**[blockquote style="1"]Estratégia de Biodiversidade da UE para 2030: “a mais ambiciosa que o mundo já viu”[/blockquote]**

Ainda em plena pandemia, em maio, foi aprovada não só a estratégia do “*prado ao prato*”, como também a Estratégia de Biodiversidade da União Europeia (UE) para 2030: “Tivermos várias estratégias e estratégias cheias de boas palavras e intenções mas esta parece a mais ambiciosa que o mundo já viu”. Para Humberto Rosa, é uma estratégia que vai muito longe em termos de dizer o que

a Europa fará em qualquer caso e o que é que fará quantificadamente: “É muito mais fácil quantificar reduções de emissões do que quantificar o que vamos fazer com ecossistemas ou serviço de ecossistemas ou proteção da natureza”. Acresce que nesta estratégia, há uma “área clássica” que são as áreas protegidas: “Está lá uma ambição muito grande: queremos chegar a 2030 com 30% do território europeu com áreas protegidas e que não sejam meramente parques no papel”. E mais ambicioso, sustenta, é que “um terço” destes 30% seja “proteção estrita”, isto é “noção de dar mais espaço à natureza para benefício humano”. Incluído na mesma estratégia está ainda uma “restauração passiva por redução de pressões” com objetivos comuns da estratégia do “*prado ao prato*”, como por exemplo, até 2030, “reduzir em 50% o uso e risco de pesticidas” ou as “perdas de nutrientes por fertilização excessiva”, conseguindo que “25% da área agrícola da UE seja biológica”. Outro anúncio que torna esta estratégia ainda mais desafiante, segundo Humberto Rosa, é a “iniciativa legislativa” que a Comissão está a trabalhar afincadamente: “Trazer metas vinculativas de restauração de natureza sobretudo onde essa restauração traga melhores serviços climáticos, seja de mitigação, seja de adaptação”. Entre outros desígnios, destaque para a reposição de 10% de elementos de paisagem no território agrícola: “Ter 25 mil quilómetros de rios europeus livres até 2030. Plantar 3 mil milhões de árvores extra até 2030”. Em suma: “Permitir que a UE possa apresentar-se como exemplo no cenário internacional mas quer que os compromissos dos países sobre biodiversidade possam ser mensuráveis”.

Humberto Rosa acredita que o “*Green Deal*” tem todos os “argumentos políticos” para resistir ao pouco “entusiasmo” da sociedade ou, mesmo, à crise provocada pela Covid-19, defendendo que os “Planos de Recuperação e Resiliência” serão um “bom teste” para perceber o comprometimento dos Estados-membros em apoiar uma “recuperação numa linha de sustentabilidade” e não numa linha de “reposição de velhos projetos”.